

Psicanálise, o pulsional e a coletividade: a escuta da História brasileira projetada por *Bacurau*

Pedro Valentim Eccher¹

Gustavo Angeli²

Gustavo da Silva Machado³

Resumo

Este artigo tem como objetivo materializar uma pesquisa em Psicanálise extramuros sobre a obra cinematográfica *Bacurau* (2019). Escutou-se esse filme como um caso clínico, considerando-o uma potente produção artística passível de interpretações fundadas nos conceitos de uma Psicanálise clínica, política e social. A partir disso, vislumbrou-se desdobrar as mensagens transmitidas pelo enredo de *Bacurau* para promover diálogos teóricos sobre as possibilidades de vida no coletivo, os elementos violentos próprios dos processos de colonização no Brasil e o acolhimento das alteridades. As transferências dos autores com essa expressão artística mobilizaram outros e novos sentidos sobre as temáticas exploradas. Por isso, articula-se como escutar *Bacurau* e seus paralelos com a história brasileira podem produzir saberes socialmente significativos para a invenção de mundos fundados no convívio das diferenças.

Palavras-chave: Psicanálise. Cinema. Pulsões. Coletividade. Diferença.

1 Psicólogo e Educador Popular. Doutorando e mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: pееccher@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8449-9464>

2 Psicólogo. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do curso de Psicologia no Centro Universitário de Brusque (Unifebe). E-mail: gustavoangeli@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1732-1081>

3 Graduado em Psicologia. Mestre e doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialista em saúde com ênfase em urgência e emergência. Professor do curso de Psicologia e Medicina na Universidade do Vale do Itajaí (Univali). E-mail: machadosgustavo@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3744-3115>

Introdução

Dos discursos dos vencedores, estamos fartos: movemo-nos.
(Danto, 2019, p. 390)

Este artigo materializa uma pesquisa em Psicanálise extramuros a partir da obra cinematográfica *Bacurau* (2019). Para isso, considera-se o pressuposto de que a Psicanálise pode escutar e traduzir os processos inconscientes manifestados nas expressões culturais apresentadas por esse filme. Sustentando a Psicanálise como um referencial teórico e um território de pesquisa capaz de capturar pontos subjetivos, políticos e sociais expressos no cinema, desdobram-se saberes com relação às violências da sociedade brasileira e às narrativas geradas pelas colonizações instauradas nessa civilização.

Torna-se fundamental delimitar o olhar analítico aqui utilizado como pertencente a uma Psicanálise extramuros. Nos meandros do século XX, as abstrações conceituais de Freud para explicar sujeitos históricos da modernidade tenderam a se tornar teoricamente inquestionáveis, universais, especialmente acerca da clínica. Os trabalhos voltaram-se aos consultórios particulares e distanciaram-se da cultura, mesmo com o esforço teórico de Freud, no fim de sua produção, de abarcar análises sobre cultura e dinâmica dos povos, em “Totem e tabu” e “Moisés e o monoteísmo” (Freud, 1913/2012; 1939/2018), por exemplo. Assim, constataram-se normativas divergentes das pretensões freudianas de acolher as marcas subjetivas em diferentes espaços, épocas e civilizações. A articulação política em torno das violências é um exemplo de temática limitada por transmissões monistas nos meios psicanalíticos (Costa, 1986).

Atualmente, pesquisas brasileiras propagam uma expansão psicanalítica na cultura, enfatizando interdisciplinaridades próprias do universo acadêmico. Resgatando estudos desde Freud, psicanalistas fomentam pesquisas empobrecidas pelo arquivo psicanalítico, influenciando a herança freudiana a atingir outros saberes: Arte, Política, Sociologia, Antropologia, História, etc. O propósito desses trabalhos é desengessar as ênfases clínicas individualizantes e fechadas, resgatando os fins socialmente significativos das teorias e práticas psicanalíticas, bem como desmitificar verdades institucionalizadas pelas gerações pós-freudianas (Rosa, 2016; Birman, 2016; Broide, 2010). Embasados nesses movimentos contemporâneos de pesquisa em Psicanálise, investiga-se os emaranhamentos da cultura brasileira projetados pelo cinema.

A obra mencionada ilustra a história de “Bacurau”, um vilarejo utópico que, inesperadamente, é excluído dos mapas e começa a sofrer ataques violentos de um grupo internacional. Bacurau é alvo de destruição justamente por efetuar uma minoria resistente às políticas de corrupção e às forças cafetinantes⁴ de um governo local. Diante de violências extremas, os moradores desse vilarejo se apoiam nos seus laços sociais para reconhecer os inimigos e criar, coletivamente, táticas de enfrentamento. O filme encerra uma trilogia dirigida

4 O uso do termo cafetinagem neste escrito tem como referência a autora Suely Rolnik (2019), que articula esse conceito pensando as subserviências criadas pelas novas roupagens do Capitalismo sobre as políticas de desejo, forças subjetivas e de criação.

Eccher, P. V.; Angeli, G. & Machado, G. da S.

pelo brasileiro Kleber Mendonça Filho⁵, também composta por *O Som ao Redor* (2013) e *Aquarius* (2016), complementando as críticas desse diretor a respeito das violências reeditadas desde os primórdios da História brasileira.

Uma autora que sinaliza a dinâmica das violências próprias da civilização brasileira é Mériti de Souza (2018). Essa pesquisadora argumenta que, embora os discursos sobre as características do brasileiro estejam associados à passividade e à alegria, historicamente, existem violências extremas transbordando entre as frestas da moral cultural, tanto no cenário macrocoletivo quanto nas vivências microcotidianas. Consequentemente, compreender os recalques da cultura brasileira, sublinhados pela sétima arte, bem como instrumentalizar táticas de escutá-los, interpretá-los e retraduzi-los, pode potencializar uma função social de, pelas linhas de força da Psicanálise, prospectar outros modos de existência e contornos de um coletivo.

As práticas artísticas podem atualizar afetos, trazê-los para o campo do dizível, comunicar as forças que impactam um coletivo e criar outras percepções acerca das configurações subjetivas e sociais de determinadas épocas e culturas (Rolnik, 2018). *Bacurau* não é uma obra cinematográfica que replica mais do mesmo e, de certa forma, retira o véu dos recalques coletivos, inquieta, causa mal-estar, pontua situações traumáticas da civilização, instiga apropriações de uma história coletiva e defende as singularidades. Indícios disso foram nítidos quando se percebeu que o filme não fora exposto em grande parte dos cinemas brasileiros, principalmente na região do sul do país – região onde vivem os autores do artigo –, sendo fortemente boicotado, negado e atacado pelos principais mantenedores de uma lógica governamental neoliberal de extrema-direita (Almeida, 2019; Sperb, 2019).

Na iminência de forjar uma pesquisa extramuros fundada nesse filme, encontra-se, na literatura psicanalítica, referências clássicas e contemporâneas que autorizam composições de uma pesquisa segundo uma estilística singular e, ao mesmo tempo, legitimam articulações teóricas coerentes com a ética da Psicanálise e suas estratégias de produção de conhecimento no contexto acadêmico. Distancia-se, portanto, de uma lógica reducionista que tende a desqualificar as singularidades dos autores e neutralizar o posicionamento político destes em torno de suas obras.

Inevitavelmente, de acordo com os fundamentos psicanalíticos e suas implicações na arte, na política e na cultura, *Bacurau* provoca alguns questionamentos de pesquisa: quais desdobramentos teóricos podem ser postulados após uma escuta psicanalítica desse filme? A Psicanálise, como corpo teórico, método de investigação e território de tratamento pode contribuir para uma retradução das violências e colonizações próprias da História brasileira? É possível prospectar outras formas de se viver no coletivo, repensando os mal-estares da civilização e os destinos das pulsões no corpo social?

O mal-estar da civilização e as possibilidades de se viver em coletivo foram problemáticas que acompanharam os movimentos de pesquisa e teorização de Freud no tocante ao psiquismo e à cultura. Na fundamentação teórica deste artigo, serão estabelecidos recortes referentes a

⁵ *Bacurau* é codirigido por Juliano Dornelles, mas as outras produções da trilogia são dirigidas apenas por Kleber Mendonça Filho.

essas temáticas metapsicológicas, além de contribuições políticas atreladas às organizações subjetivas e coletivas da sociedade brasileira contemporânea.

Nesse sentido, analisa-se uma obra cinematográfica e a transferência dos autores com essa expressão artística para, assim, expandir conceitos, transmitir saberes e desdobrar os questionamentos desta pesquisa. *Bacurau* se estabeleceu nacional e internacionalmente como uma obra crítica e potente, tornando-se um filme capaz de instigar críticas sobre as violências que marcam as constituições subjetivas de uma nação. Dessa forma, considera-se esse filme um recorte da cultura brasileira e uma expressão artística que representa, de determinadas perspectivas, essa civilização e as subjetividades produzidas neste país. Com base nas rupturas, críticas e mensagens que *Bacurau* promove, ancora-se na teoria psicanalítica para tecer narrativas, composições teóricas e múltiplos sentidos na trama dos saberes.

Método

Esta investigação é delineada pelo método de pesquisa em Psicanálise e suas estratégias de produção do conhecimento. Ressalta-se que uma pesquisa em Psicanálise se diferencia de uma pesquisa sobre Psicanálise. Conforme os apontamentos de Tavares e Hashimoto (2013), uma pesquisa teórica sobre Psicanálise pode ser escrita por qualquer investigador. Em contrapartida, uma pesquisa em Psicanálise suscita composições teóricas e metodológicas formadas pelas experiências de analistas e/ou analisantes. A especificidade mais nítida de uma pesquisa em Psicanálise é apostar na escuta ativa durante o processo investigativo. Ou seja, a experiência analítica oportuniza a leitura e a crítica balizada nos seus pressupostos, o que converge para a clínica poder oportunizar, também, fins socialmente significativos.

Com relação às questões que mobilizam uma pesquisa em Psicanálise, torna-se imprescindível reconhecer o conceito de transferência nos movimentos de teorização. A transferência é um processo inconsciente que acontece em todos os contextos da vida de um sujeito, pois é a atualização de questões passadas no presente, que reaviva a realidade psíquica infantil com outras roupagens. Legitimar a transferência em uma pesquisa significa entender que os processos inconscientes fluem entre os campos de estudo. A transferência na clínica é escutada, interpretada e dissolvida, entretanto, nas pesquisas associadas aos moldes universitários, necessita ser instrumentalizada para alavancar as engrenagens de um estudo psicanalítico (Tavares & Hashimoto, 2013).

A estratégia de investigação evidencia pontos singulares e universais dos objetos estudados. A escuta do singular mapeia conteúdos exclusivos e também captura elementos compartilhados pela coletividade (Mezan, 2002). Em outras palavras, a partir do laço transferencial é possível compor saberes singulares – exemplares – que não se prestam às verdades universais, mas que são promotores de releituras.

Além disso, as contribuições deste artigo se materializam no território da Psicanálise extramuros. Essa vertente do método psicanalítico possibilita que conteúdos da cultura, das artes e de outros espaços sociais sejam escutados e interpretados segundo os referenciais do inconsciente freudiano. É, por conseguinte, uma estratégia que transporta os psicanalistas até outras ligações pulsionais da humanidade manifestadas nas vias sociais (Laplanche, 1992).

De forma análoga e complementar, ancora-se em Martinez (2003, p. 60) para reforçar o porquê de a Psicanálise estender sua escuta às manifestações culturais: “a cultura é feita de psiquismo porque seus criadores são humanos, assim como o sofrimento humano toma forma nas diversas manifestações culturais, desde os sintomas até a arte, passando pela ciência”.

A perspectiva extramuros tenciona os fluxos de pesquisa em direção a Bacurau (2019). O cinema, sendo uma linguagem artística, pode ser interpretado como uma expressão do psiquismo atrelada à cultura, que na proposta de suceder imagens e expô-las em uma tela comporta uma dinâmica semelhante aos sonhos e às fantasias (Fernandes, 2015). Desse modo, escuta-se o cinema e suas aberturas a interpretações para produzir saberes oriundos das manifestações psíquicas recortadas, ilustradas, associadas e projetadas por essa linguagem artística. Trata-se a sétima arte não só como entretenimento, enxergando-a nas figuras, nas condensações e nos deslocamentos como uma arte que nos apresenta os destinos pulsionais e nos inquieta, que desvela o mal-estar inerente à existência humana e mobiliza o campo dos afetos.

As análises deste artigo serão tecidas segundo o aporte teórico dos autores referências que fundam esta pesquisa, sendo estes Freud e autores que produzem pesquisas e saberes próximos de uma Psicanálise que se entende como política, tais como: Costa (1986), Butler (2017), Arendt (1999), Souza (2018), Fanon (1968), Rolnik (2003; 2019), Ferenczi (1992). As interpretações e narrativas se desdobrarão em harmonia com as influências de produção de conhecimento em Psicanálise e dos entrelaces que essa teoria estabelece com a sétima arte. Ademais, sustentando-se nos fundamentos de pesquisa firmados, consideram-se as transferências dos autores sobre o filme, tratando-o como um caso clínico, a fim de produzir saberes baseados nas problemáticas escancaradas.

Uma travessia pela obra freudiana: do anarquismo das pulsões às possibilidades de vida no coletivo

Neste tópico, considerando a Psicanálise um dispositivo clínico, político e social, propõe-se composições teóricas em torno dos ligamentos e desligamentos das pulsões, do mal-estar da civilização e das possibilidades de existência no coletivo. Especificamente, perspectivas da obra freudiana serão recortadas com o objetivo de firmar um primeiro platô de análise. Essa proposta se baseia no argumento de que todo estudo psicanalítico individual é, ao mesmo tempo, social, uma vez que o sujeito sempre se relaciona com os outros, seja como ideal, objeto de amor ou oponente (Freud, 1921/2011).

As ideias desse bloco se iniciam com as produções de Freud (1915/2010b) durante a Primeira Guerra Mundial, quando ele se questiona sobre as atrocidades cometidas pelos países europeus em legitimar crueldades por todo o globo, mesmo estando nos seus auge intelectuais, econômicos e tecnológicos. A ciência da época, exemplo de avanço civilizatório, se aliava à desilusão da guerra para produzir armamentos e ideologias segregativas. Em vista disso, junto das falhas civilizatórias da modernidade de propor o homem da razão, de tentar apagar esse sujeito que não tem o controle que imagina ter, sobre si e sobre o mundo, Freud (1915/2010b) destaca o quão traumático pode ser compartilhar a vida com os outros.

Quase que no mesmo período, Freud (1915/2010a) aprimora sua teoria das pulsões, forças sexuais que se manifestam por meio do corpo em busca de satisfações constantes. Consoante o autor, as pulsões fluem entre o somático e o psíquico, assumindo movimentos anárquicos que confrontam a moral cultural. Os contrastes das excitações corporais com a realidade externa movimentam as pulsões em quatro vicissitudes: a reversão no contrário, o voltar-se contra o próprio Eu, o recalque e a sublimação. Os quatro destinos das pulsões apontam para as negociações das formas de satisfação e os arranjos pulsionais próprios de um sujeito mediante o processo civilizatório, todavia, desdobram-se nesse bloco a reversão no contrário e, apenas complementarmente, os demais caminhos.

A reversão no contrário se configura em dois processos distintos: a conversão da atividade em passividade e a inversão de conteúdo. Os principais exemplos do primeiro movimento são encontrados nos pares de opostos da sexualidade: sadismo-masoquismo e voyeurismo-exibicionismo⁶. Parafraseando as composições de Freud (1915/2010a, p. 47) sobre as inserções das crianças na cultura: “a reversão diz respeito às metas da pulsão; altera-se a meta ativa: atormentar, olhar, pela passiva: ser atormentado, ser olhado”.

A inversão de conteúdo se encontra majoritariamente nos casos de transformação de ódio em amor⁷. Nas relações de uma criança com os objetos – tudo que se diferencia do Eu – o ódio precede o amor, devido às frustrantes e incompletas correspondências do mundo às demandas de satisfação pulsional. Com o passar do tempo, a criança tende a suportar seus desprazeres e criar laços afetivos para se inscrever na cultura. Entretanto, quando os objetos que despertam prazer não correspondem às exigências do Eu na vida adulta, repetem uma meta sexual às características destrutivas e provocam uma oposição pulsional que facilmente desliza entre ódio-amor na relação objetal (Freud, 1915/2010a).

No propósito de pensar as conversões e inversões desses polos, ativo-passivo e amor-ódio, é válido englobar as repressões impostas pela tradição cultural, a importância das singularidades e dos outros nos processos de subjetivação. As satisfações do pulsional no desvio de seu primeiro destino acontecem por causa dos anarquismos das pulsões e de seus confrontos com as leis introjetadas pelo sujeito. Aquilo que não é suportável tende a estar fora da consciência e se manter recalcado, sendo revertido no seu contrário de forma a proteger as fragilidades do Eu e amenizar o sofrimento psíquico reatualizado pelo traumático infantil. Haveria, então, restos pulsionais que não são capazes de ser metabolizados e uma tendência do humano a agredir os objetos que possam afligir a constituição narcísica do Eu (Freud, 1915/2010a).

Depois da Primeira Guerra Mundial, Freud (1919/2010) lapida suas proposições sobre as tensões pulsionais barradas pela moral cultural, indicando o escoamento da agressividade e do ódio na figura do diferente; sendo o diferente esse outro que a pessoa nega, que não reconhece em si, mas a habita de outra forma. Em outras palavras, o que é estranho o é não por ser diferente,

6 Assume-se esse modelo que corresponde a primeira teoria freudiana sobre sadismo-masoquismo e voyeurismo-exibicionismo.

7 Aqui as articulações de ódio e amor distanciam-se dos entendimentos morais-religiosos sobre tais palavras. Resumidamente, tratam da relação destrutiva e afetiva que a criança estabelece com os objetos e o adulto reatualiza na sua vida cotidiana.

mas por conter uma familiaridade negada em si. O diferente se torna uma ferida narcísica às identificações do Eu e afronta a existência desse ser constituído pelas fantasias de si e do coletivo. Por isso, aqueles que não são capazes de suportar as diferenças se inclinariam para proteger os supostamente semelhantes e agredir as ameaças psíquicas, provocadas pelas pequenas diferenças dos outros, sejam estas nações, classes sociais, cores de pele, culturas e/ou gêneros.

Até essa época as pulsões eram divididas em sexuais e de autoconservação, mas, a partir da década de 1920, Freud compacta esses conceitos em pulsões de vida, acrescentando à sua teoria o viés da pulsão de morte de caráter biológico e organicista. No entanto, assume-se a posição de que a pulsão de morte é uma pulsão sexual não traduzida, ou seja, excessos de restos sexuais não inscritos no psiquismo da criança que se repetem e transbordam no adulto; e que promovem situações agressivas e violentas por irromperem afetos intensos desligados de representações. As pulsões de vida são, nessa perspectiva, forças sexuais ligadas a objetos, narrativas e bordas do Eu (Laplanche, 1992).

Associando as elaborações da metapsicologia pulsional com as organizações das sociedades, Freud (1921/2011) aponta que a vida coletiva só se torna possível pela renúncia da plena satisfação das pulsões e de seus destinos peculiares próprios de cada pessoa. As pulsões de vida são realocadas de acordo com os parâmetros da vida em comunidade, o princípio da realidade sobrepõe o princípio do prazer, o medo da realidade externa é introjetado para a realidade interna; e os nós que amarram os laços sociais são: a segurança promovida pelo grupo, as identificações com o líder e com pessoas da massa entre si. Contudo os excessos não traduzidos das pulsões de morte também são próprios da constituição subjetiva dos humanos e retornam no corpo social. As pulsões de morte desembocam na figura dos outros, comumente no suposto diferente que reativa os restos afetivo-sexuais desligados de tradução dos quais o sujeito psiquicamente não dá conta de elaborar.

Por consequência, o sofrimento humano seria fundado em três pontos possíveis: nas finitudes e falências do corpo; na natureza e suas forças inesperadas, traumáticas e avassaladoras; e, por fim, nas relações estabelecidas com os outros. No último ponto, o ser singular, na falha de tornar-se independente do mundo exterior, necessita se organizar em grupos, incorporar características dos outros e projetar seus ódios, amores e fantasmas para ligar suas pulsões e evadir sem destino aparente seus restos sexuais desligados de sentidos. Existir só é viável por meio das civilizações, porém a humanidade é permeada por um constante mal-estar que produz rachaduras sociais, manifestações de agressividade, violência e, como já visto ao longo da História, extremismos globais (Freud, 1930/2016).

No prefácio histórico que antecedia a Segunda Guerra Mundial, Albert Einstein, cientista e pacifista do século XX, tinha indagações análogas às de Freud durante a Primeira Guerra Mundial. O físico alemão contatou o fundador da Psicanálise para conhecer mais sobre as causas psicológicas que sustentavam e disseminavam necropolíticas de guerra. A resposta de Freud é uma soma das articulações tecidas nesse bloco, argumentando que a humanidade apresenta uma disposição à guerra devido aos constantes transbordamentos das pulsões de morte nas fissuras do coletivo. As cartas trocadas entre os dois também elucidam que a pulsão de morte perpassa as organizações sociais e influencia a massa a lidar com as supostas ameaças de forma destrutiva (Freud, 1932/2010).

Em outras palavras, as tendências agressivas da humanidade não podem ser cessadas. Como tática de lidar com tais fluxos, Freud (1932/2010) acende a esperança de se recorrer constantemente ao antagonista dessas forças sexuais desligadas de sentidos: a pulsão de vida. Considerar que fragmentos agressivos estão presentes na constituição subjetiva não significa amenizar os horrores dos atos violentos exercidos por aqueles que, na incapacidade de lidar com as próprias mazelas, de ligar restos ativos e destrutivos a objetos, sentem prazer em fazer e ver o outro sofrer. Significa tencionar nos planos coletivos e singulares a necessidade de valores éticos para cercear tais impulsos e direcioná-los a outros destinos e traduções.

Os ligamentos das pulsões de vida na arte, na cultura e nos outros criam laços emocionais que demonstram efeitos contrários à guerra, irrompendo movimentos de sublimação das forças sexuais, além de acolhimentos das pequenas diferenças e organização de sociedades pautadas na identificação entre os sujeitos. Seguindo essa lógica, o avanço do intelecto é uma alternativa potente de escuta e trabalho do campo pulsional em favor da manutenção da vida, mas não a única. Acerca da manutenção da coletividade “[...] uma coisa podemos dizer: tudo o que promove a evolução cultural também trabalha contra a guerra” (Freud, 1932/2010, p. 435). Investimentos pulsionais na cultura são alternativas possíveis de amenizar violências desenfreadas e respeitar a existência humana em suas expressões plurais.

Um olhar furtivo para as marcas das subjetividades brasileiras

O segundo platô de análise se baseia na extensão das contribuições psicanalíticas, direcionando-as às manifestações subjetivas e coletivas da sociedade brasileira contemporânea em torno da violência. Esse tópico foi pensado em virtude da importância de atualização da obra freudiana, tal qual a produção de saberes regionalizados e de rupturas com discursos coloniais encrustados nos contextos acadêmicos. É uma defesa ética das ciências humanas brasileiras e de suas propostas características de estudo, intervenção e colaboração social (Rolnik, 2019).

Primeiramente, salienta-se que, para a Psicanálise freudiana, agressividade e violência são considerados dois conceitos distintos. Na constituição psíquica da criança, não existe um instinto de violência, mas tendências agressivas que visam à defesa de ameaças externas e à manutenção do equilíbrio psíquico. A agressividade pode coexistir perfeitamente com a possibilidade de a humanidade desejar a paz. A violência, porém, caracteriza-se pela sua gratuidade, uma vez que gera em suas vítimas um desprazer desnecessário, viola os laços firmados pelos acordos civilizatórios e emprega intenções à agressividade (Costa, 1986).

Em conformidade com essa perspectiva de pensamento, própria de uma Psicanálise política, um bebê pode ser agressivo com os objetos de desprazer e não violento, pois está no início do processo de inscrição na cultura e não tem intenções conscientes de impor sua agressividade. Já um governante opressor pode ser considerado violento quando desconsidera os múltiplos componentes culturais de uma civilização e impõe sua vontade desnecessariamente sobre as singularidades dos outros, por exemplo (Costa, 1986).

Nessa perspectiva da dimensão ético-política da violência, Butler (2017) articula o pensamento de Levinás, acrescentando a relação ética do encontro com o “rosto do outro” e a dinâmica de violência. A esse rosto é atribuída uma condição “daquilo que não se pode

Eccher, P. V.; Angeli, G. & Machado, G. da S.

matar”, ou seja, é na existência do outro que são produzidos efeitos de reconhecimento e estabelecidas possibilidades recíprocas de “humanidade”. A violência surge em cena quando o rosto que atribui humanidade ao outro fica ocultado e dá espaço para relativizações das regras e normativas que norteiam a relação com o outro. Portanto a violência só é possível em uma perspectiva ética na medida em que a humanidade do outro é “diminuída” ou sequer reconhecida. Ao passo em que o rosto do outro é ocultado, a humanidade que enraíza regras proibitivas no sentido da morte do outro fica esquecida.

Ainda com Butler (2017), para Levinás a política adentra a discussão quando a relação de violência vai para além da díade eu-tu. Ou seja, a introdução do domínio público, experimentado pela díade como uma “terceira pessoa”, traz consigo a experiência de uma justiça distributiva, um conjunto de regras e leis relacionais que demandam a aprovação da maioria. Nesse caso, essa “maioria” ganha caráter de verdade e nomeação daquilo que é ou não humano. Dessa forma, temos em curso movimentos que produzem corpos e experiências que, por habitarem a diferença, por si só carregam consigo a possibilidade de não evocar a condição de rosto humano.

Destarte, são produzidos modos esperados de vivência e existência que traçam uma linha entre o certo e o errado sobre a experiência humana, construindo aquilo que Fanon alerta sobre efeitos subjetivos da colonização (1961). Esse corpo sem rosto, essa vivência fadada ao erro diante da maioria “humana” carrega consigo o peso do desajuste e a marca da possibilidade da violência nas relações com o outro, quase que como um movimento esperado de correção ou aniquilação.

Complementando as contribuições teóricas com relação à violência, Arendt (1999) entende essa expressão destrutiva como a incapacidade de alguém se identificar com as marcas e os sofrimentos dos outros. O sujeito que efetua atos de violência seria incapaz de compreender e se posicionar no lugar, ou próximo, daquele que é vítima dos efeitos violentos. Essa autora também explora o conceito de “banalidade do mal” para descrever os transbordamentos da violência na vida cotidiana de pessoas capturadas pela lógica burocrática, hierárquica e de poder; lógica essa instaurada e formatada pelas impessoalidades das relações intersubjetivas tão comuns nas sociedades contemporâneas. A banalização do mal é produto das subjetivações de pessoas obedientes às ordens civilizatórias, bem como pelas impessoalidades das relações de trabalho, lazer, afetivas e políticas estimuladas pelos regimes neoliberais.

Pensar articulações furtivas do conceito de violência permite ampliarmos o plano de visão sobre as subjetividades que são perpassadas pelos estilhaços de seus efeitos, seja no plano macropolítico da lógica governamental e de grandes empresas que burocratizam e industrializam os corpos, seja nas vivências cotidianas envolvendo assassinatos, roubos e outros atos destrutivos (Arendt, 1999). Dessa maneira, prioriza-se, nessa composição teórica, as cafetinagens impostas ao Brasil desde a colonização portuguesa. Escrever sobre isso torna-se um ato político, pois evidencia conteúdos destrutivos naturalizados pelo coletivo e desvela os atos de opressão impostos às subjetividades que circulam historicamente neste país.

A realidade nacional foi marcada por ações de contestação regadas de violência e que, posteriormente, foram sobrepostas por imagens de alegria, liberdade e passividade. Esses

recalques coletivos são problematizados por Souza (2018, p. 476), ao mencionar que “a irrupção do estranho, do diferente, do estrangeiro, na história nacional sempre foi sufocada ou excluída: as revoltas, as rebeliões, as vozes dos excluídos foram desqualificadas, esquecidas”. Os gritos e as lutas dos oprimidos amedrontavam a lógica de poder instituída na máquina pública, que se ergueu à custa da crueldade para remodelar os discursos oficiais e sustentar o Estado. Materializando essa lógica, ainda hoje, temos marcos nacionais – Independência Nacional, Proclamação da República, Abolição da Escravatura, Ditadura Militar – sendo transmitidos de forma fabulosa no imaginário coletivo, denegando e banalizando as manchas de sangue que jorraram dessas contestações sociais.

Essas argumentações podem ser complementadas pelos dados disponibilizados no Atlas da Violência (Ipea, 2020), relatório criado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), que apresenta os índices de violência no Brasil. O documento afirma os altos números de mortes violentas de pretos, mulheres – ainda mais mulheres pretas –, indígenas, público LGBTQI+ e jovens de periferia. Exemplificando dois dados desse arquivo⁸: casos de homicídios de pessoas pretas e pardas aumentaram 11,5%, enquanto com os brancos e amarelos diminuíram 12,9% no mesmo período; uma estatística de 37,8 homicídios de pretos e pardos a cada 100 mil habitantes e 13,9 de brancos e amarelos para o mesmo comparativo.

O Brasil é uma nação violentada. A cultura da violência foi estrategicamente implantada e naturalizada pelos colonizadores e pelas elites. Esse processo se dá uma vez que, para imposição de uma verdade colonial sobre o outro, a ferramenta utilizada em prol do sucesso do colonizador é, justamente, a violência que constrói uma linha entre o “certo” e o “errado”, a qual visa aniquilar qualquer modo de existência além do colonial (Fanon, 1968). Assim, um modo “correto” de existir passa a ser exigido para o suposto bom funcionamento social e à medida que os brasileiros recorrem às representações de passividade e alegria acabam enunciando involuntariamente suas inscrições psíquicas numa tradição histórico-cultural e explicitando as reverberações inconscientes desses significantes, produzidos vorazmente para denegar as marcas das violências (Souza, 2018). Essas apreensões identitárias operam para impor a ordem social e trabalham com movimentos semelhantes a uma reparação psíquica do trauma: recalcam os sintomas de uma subjetivação produzida pela violência, mas não cessam completamente as explorações, os cortes e os tiros que mortificam as vidas.

Assim como o recalçado transborda na história de uma pessoa em razão da ativação de uma experiência traumática, os restos das violências costumam transbordar nas relações que regem os movimentos sociais. Regimes políticos se estruturam perversamente sobre os corpos dos oprimidos, capturando as pulsões vitais, cafetinando os desejos, excluindo as possibilidades de trabalho, produzindo narrativas de vitória e prosperidade perante o sofrimento de existir. Nesse sentido, as pessoas se constituem a partir dos efeitos das violências simbólicas e psicológicas, mesmo que, necessariamente, não tenham propriamente

⁸ Fica a sugestão aos leitores de acompanharem na íntegra o documento citado com os dados dos demais públicos mencionados. A ideia desse tópico é possibilitar recortes e gerar problematização em torno da teoria psicanalítica e seus entrelaces com a cultura de violência no Brasil; por isso, não será possível explicitar todos os dados do documento no decorrer deste texto.

experienciado atos violentos. Infelizmente, os restos da violência e da colonização, da desigualdade e da discriminação, ainda escapam do controle racional (Rolnik, 2018).

Saber mais sobre esses processos de captura e identificação fundados na violência recalçada não desmerece as expressões culturais e manifestações de alegria propagadas pelos diferentes olhares dos povos brasileiros. Longe disso, as composições identitárias presas a ideais coletivos podem operar como aliadas das lógicas estabelecidas e proporcionar elementos de problematização das formas de organização social. Da mesma maneira que os dualismos estáticos (amor-ódio, agressividade-afetividade) não são excludentes na obra freudiana, evidenciar os rastros de violência no corpo social brasileiro não desqualifica totalmente os investimentos civilizatórios instituídos. Elaborar a história compartilhada na vida cotidiana pode produzir outras tramas sociais e configurações subjetivas, dar sentidos ao sem-sentido das violências impostas às nossas subjetividades (Souza, 2018).

Isso posto, o entendimento psicanalítico de uma subjetividade cindida e marcada pelo inconsciente revela-se crucial de ser elaborado no momento que falamos de violência, desse traumático social que determina, empobrece, generaliza, escapa, assusta e amedronta. No momento em que trabalhamos com a elaboração do velado, resistimos às colonizações impostas aos conscientes e inconscientes edificados pelos discursos dominantes da História brasileira. Talvez estas sejam algumas das principais táticas de intervenção de uma Psicanálise contemporânea e regionalizada: abalar as estruturas serviçais à morte, questionar as verdades que cafetinam as vidas, tratar os afetos com potência e expandir os desejos de forma pluralizada (Rolnik, 2019).

Análises e discussões

O filme apresenta o Brasil num futuro utópico, no qual um pequeno povoado chamado Bacurau, localizado em algum lugar da região Nordeste, é retratado como elemento protagonista. Esse é um território onde a Cultura, a História e a Educação fundam as relações entre os habitantes, um vilarejo independente que resiste ao governo corrupto de seu município, construído pela cooperação e singularidades de seus membros. Lá, questões como as sexualidades, a religião cristã e a polícia são subvertidas, destoantes da disciplina dos prazeres e dos corpos, seja pela cruz, seja pela arma de fogo.

Assim como outras obras de Kleber Mendonça Filho, *Bacurau* (2019) retrata a possibilidade de existências-resistências da vida cotidiana, apresentando um território que, mesmo com a diferença de gêneros, opiniões, profissões e famílias, torna possível o acolhimento das diferenças. As singularidades dos sujeitos importam, não sendo abafadas pelas tecnologias e relações de poder. Outro ponto interessante é que a obra retrata uma ambientação de simplicidade e pobreza, mas que não está associada à ignorância do povo local, confrontando o paradigma de uma comunidade dependente da oligarquia para se organizar.

Os moradores desse vilarejo, repentinamente, descobrem que a comunidade foi apagada de todos os mapas virtuais, como também privada de água. Gradualmente, os habitantes percebem acontecimentos estranhos: drones passeando pelos céus, estrangeiros chegando à cidade, tiros no caminhão pipa e assassinatos nos arredores. Bacurau se torna

alvo de uma organização internacional que tem como fetiche matar pessoas em áreas mais extremas do mundo. Essa organização apresenta ligações com o governo correspondente à região de Bacurau. Os sujeitos concluem que estão sendo atacados e, assim, buscam se apoiar, identificar o inimigo e criar, coletivamente, táticas de enfrentamento.

Depois do resumo da obra, para iniciar as elaborações teóricas, sublinha-se que as próximas análises serão articuladas em múltiplas narrativas por parte dos autores, pois não há uma verdade universal a ser descoberta, muito menos um segredo escondido a ser interpretado nas mensagens apresentadas pelos diretores do filme. Isso significa que, consonante as proposições de Laplanche (1992), os sentidos do texto serão formulados a partir das intersecções possíveis entre o corpo teórico e seus platôs de análise, as transferências dos autores e as mensagens endereçadas por *Bacurau* (2019). Espelhando a fundamentação teórica, o primeiro tópico propõe discussões metapsicológicas sobre o filme, enquanto o segundo aponta as problemáticas sociais vivenciadas cotidianamente pelos brasileiros que foram projetadas por essa obra.

Bacurau não é um paraíso

“BACURAU 17 KM – SE FOR, VÁ NA PAZ” é um alerta, uma placa na estrada que conecta o vilarejo ao resto da região. A mensagem pode ser interpretada em perspectivas distintas: vá em paz, pois prezamos pelas relações pacíficas, mas também indica que não é um povo inofensivo, incapaz de se defender, como os forasteiros acreditavam que fosse. Os signos do filme indicam que Bacurau teria passado por outros ataques antes dos acontecimentos protagonizados: carros de polícia abandonados, torres de guerra envelhecidas, um museu contando a história da revolução local, moradores cientes de estratégias militares.

Dessa forma, a placa alerta que em *Bacurau* (2019) nem tudo tem um único sentido, nem tudo precisa ser lido considerando os valores impostos previamente às minorias, às diferenças. Essa placa demarca um território de resistência, um posicionamento de “não queremos ser colonizados”. Desde o início, o espectador é convidado a conhecer mais sobre os costumes, amores e conflitos do vilarejo. As cenas são abertas às interpretações, não detalhando o passado dos personagens, como se o espectador também fosse um estrangeiro que encontra aquele coletivo e aquelas singularidades.

As experiências violentas do passado influenciaram os habitantes do vilarejo a produzir relações fundadas pelos laços sociais. Em Bacurau, há criminosos, médicas, músicos, alcoólatras, prostitutas, pais, mães, vendedores, gays, lésbicas, travestis, professores, idosos, crianças... realmente um espaço pluralizado. Exemplificando: quando dois brasileiros aliados aos estrangeiros entram para reconhecer Bacurau e facilitar o massacre dessa minoria, questionam a proprietária do mercado “– Quem nasce em Bacurau é o quê?”. O filho da mulher, uma criança, adianta as palavras da mãe e diz “– É gente”. São gentes, pessoas que encontraram, na cultura regional, possibilidades de viver, amar e compartilhar, porque entenderam, no passado, que sozinho ninguém sobrevive.

Freud (1908/2015) tratava a constituição psíquica e sexual sem uma natureza aparente. Para ele, não seria coerente conceber padronizações para a existência humana, posto que as

Eccher, P. V.; Angeli, G. & Machado, G. da S.

pulsões não teriam objetos definidos. A simples passagem do tempo não forma o psiquismo. Assim sendo, toda atividade do sexual traçaria um arranjo pulsional singular, marcado pelas metabolizações da criança sobre os endereçamentos psíquicos e culturais dos adultos.

Complementarmente, Freud (1923/2011) sinaliza que uma unidade narcísica homogênea que garanta uma universalidade subjetiva é impossível. O Eu seria semelhante a um mosaico de identificações subjetivas sobre os objetos disponíveis no corpo social; portanto as diversas manifestações psíquicas presentes nas culturas são possibilidades de existência, distanciando-se da ideia de que a moral cultural seria inerente à condição humana e produziria sujeitos normais e anormais, dignos e indignos, corretos e errados. Nesse sentido, as sociedades também seriam como mosaicos, compostas por diferentes fragmentos, colados pelos investimentos pulsionais nas instituições, leis e relações entre seus membros.

Tendo isso em vista, percebe-se uma distinção entre a violência do opressor em relação aos contra-ataques do oprimido. O povo de Bacurau utiliza dos laços culturais não para matar por prazer, mas para existir-resistir em sua pluralidade. Tanto que convidam os invasores a conhecer a história do museu local, se aproximar da gastronomia local, conhecer mais a arte desse espaço distante das grandes cidades que descobriu por meio do acolhimento das diferenças estratégias de sobrevivência, organização social e enfrentamento. Os fragmentos do mosaico trabalham, deslizam, conforme os acordos civilizatórios.

Salienta-se que, por mais civilizado que Bacurau fosse ilustrado, em nenhum momento esse território esteve isento de conflitos. Afinal, trata-se de um coletivo que exige renúncias pulsionais. Na trama, acompanhamos Domingas, uma das fundadoras de Bacurau, protestando em frente ao velório de sua antiga companheira e cofundadora da vila, Carmelita. Além disso, os personagens Lunga e Pacote, um lampião pós-moderno e um criminoso midiático, demonstram insatisfações com a vila. Essas cenas apresentam aos espectadores recortes da cultura regional e os discernimentos de seu povo em acolher e lidar com os conflitos, não sendo um lugar perfeito, mas tendo habitantes que respeitam as alteridades.

Há um corpo-estranho, processos inconscientes compartilhados pelas subjetividades que não são escutados como expressões patológicas a serem intervencionadas, excluídas, padronizadas. O mosaico trabalha, reorganiza-se, não sem dores ou conflitos, mas encontra pontos de diálogos possíveis, perpassados na e pela pluralidade. Entende-se que Bacurau foi construída por estilhaços de diferentes formas, tamanhos e cores; gêneros, profissões e opiniões.

Enquanto isso, os estrangeiros, na incapacidade de reconhecer o outro como humano, banalizam as vidas e fazem morrer apenas pela diversão e pelo prazer. O fetiche de matar o suposto inferior com armas antigas, num jogo perverso de matar ou morrer, age de forma análoga à reparação psíquica das feridas narcísicas, quando um sujeito se apropria de um objeto de fetiche para denegar a castração, as leis e as finitudes do seu corpo: “agora vemos o que o fetiche faz e de que modo é mantido. Ele subsiste como signo de triunfo sobre a ameaça de castração e como proteção contra ela” (Freud, 1927/2019, p. 247).

A ideia da existência de pessoas com outras cores de pele e outros costumes afronta os discursos supremacistas da organização internacional. A diferença reatualiza as marcas

infantis de um tempo quando aquilo que escapava às bordas narcísicas precisaria ser destruído. A pulsão de morte reedita restos afetivo-sexuais desligados de tradução, provocando negações em torno dos traços brasileiros dos quais os supremacistas psiquicamente não conseguem suportar. Metaforicamente, isso reforça ainda mais as rachaduras do mosaico, e não a junção dos estilhaços. A vasão da pulsão de morte na figura do desconhecido configura-se na disseminação do caos, da segregação justificada por racionalizações supremacistas, brancas e colonizadoras.

Os posicionamentos favoráveis à cultura neoliberal com destinos possíveis apenas pelas vias capitalistas ou conservadoras sublinham normalizações das subjetividades. Ademais, tantas subjetividades que surgem na contemporaneidade são resumidas pelas normatizações da ideia de uma cultura universal, superior às minorias. Essas definições reforçam a desigualdade entre os povos, sendo pautadas em dimensões simbólicas naturalizadas ao longo das produções de poder e saber ocidentais. Reforçar um padrão cultural enrijece sistemas normativos e patologiza outros estilos de vida possíveis pelas forças irrefreáveis do desejo (Rolnik, 2019).

É difícil escapar à impressão de que em geral as pessoas usam medidas falsas, de que buscam poder, sucesso e riqueza para si mesmas e admiram aqueles que os têm, subestimando os autênticos valores da vida. E, no entanto, corremos o risco, num julgamento assim genérico, de esquecer a variedade do mundo humano e de sua vida psíquica. (Freud, 2016, p. 14).

Bacurau não é um paraíso justamente porque não se reconhece ante as universalidades, os imaginários infantilizados de perfeição narcísica. As capacidades humanas de amar e sofrer são acolhidas, perlaboradas. O estranho muitas vezes não era entendido, como, por exemplo, nas figuras das prostitutas; todavia esse infamiliar era respeitado na comunidade como alguém digno de escolhas, sonhos e desejos. As apreensões singulares dos elementos coletivos tinham espaços para serem ouvidas e enxergadas.

Em outras palavras, “a coesão grupal e o estabelecimento das sociedades são os acordos e as leis construídos a partir de interesses comuns e não necessariamente a violência exercida de um sobre o outro” (Souza, 2018, p. 474). A violência desnecessária tenciona barbáries, opressões, confusões e afrouxamentos dos valores possíveis de serem compartilhados por uma sociedade. *Bacurau* (2019) mobiliza seus espectadores a refletirem sobre as naturalizações das violências, as funções do coletivo para subjetivação de sujeitos autônomos e os investimentos pulsionais em valores culturais para constituição de pessoas capazes de sustentar seus desejos independentemente de suas apreensões psíquicas e seus papéis sociais.

Um filme literal

O filme se torna potente no momento em que é produzido, justamente em períodos de instabilidade política e ataques ao cinema nacional, intensificando as mensagens, referências e críticas dos diretores (Almeida, 2019; Sperb, 2019). Mais que uma metáfora, essa obra cinematográfica se torna literal, reverbera questões e discursos presentes na vida cotidiana

dos brasileiros. A arte e o cinema mobilizam os espectadores a tecer outras e novas narrativas sobre as forças psíquicas, políticas e sociais que os perpassam:

Se consideramos que a prática artística consiste em atualizar sensações, trazê-las para o visível e o dizível, produzir cartografias de sentido, e que a sensação é a presença viva no corpo das forças da alteridade do mundo que pedem passagem e levam à falência as formas de existência em vigência, podemos afirmar que atualizar estas forças é “socializar sensações”, comunicando a um coletivo as novas composições de forças que o afetam e o fazem derivar para novas configurações. (Rolnik, 2003, p. 85).

As mensagens de *Bacurau* (2019) estão estritamente entrelaçadas com as problemáticas políticas e sociais reatualizadas na história brasileira. Esse filme projeta as estratégias de dominação das minorias, as articulações dos governantes para apagar as vozes de diferentes sujeitos, culturas e civilizações. Concomitantemente, expressa as colonizações impostas às subjetividades brasileiras, as identificações⁹ dos brasileiros com os colonizadores e as tentativas de luta contra a naturalização das violências tão comuns e tão íntimas nos territórios tupiniquins.

Sobre a identificação dos brasileiros com os colonizadores, recortam-se dois pontos centrais comunicados pelo filme. Primeiro, na figura de Tony Júnior, político que trata os habitantes de Bacurau como seres inferiores. Ele, quando despeja os livros e entrega remédios e alimentos vencidos, transmite um tom de superioridade, um desdém àqueles que escolheram viver de outras formas, avessos às padronizações culturais e aos cabrestos políticos. Os acordos de Tony Júnior com os invasores, um fechar de olhos da máquina pública para os massacres de pessoas, o cerceamento de água e energia, indicam uma identificação do próprio brasileiro com os interesses de dominação estrangeira.

O segundo ponto é participação de dois brasileiros na organização criminosa, que se comprometem com atos perversos e matam em nome dos propósitos dos estrangeiros. Segundo esses personagens: “– A gente é do sul do Brasil. Uma região muito rica, com colônias alemãs e italianas. Somos mais como vocês”. Ser brasileiro, para eles, é sinônimo de vergonha e inferioridade. Essa fala ilustra, assim como Rolnik (2018), subjetivações e identificações dos brasileiros com traços colonialistas, e a negação da história construída ao longo de diferentes lutas e resistências nacionais.

No texto “Confusão de línguas entre os adultos e as crianças”, Ferenczi (1992) teoriza sobre as identificações inconscientes das crianças com adultos abusivos. O autor pontua que os abusos sobrecarregam as defesas do psiquismo infantil, por isso, em casos de violência, as crianças tendem a ficar mudas, sem forças para protestar, visto que ainda são frágeis psiquicamente. Nesses casos, a criança tende a se submeter às vontades dos adultos e introjetar psiquicamente suas características, produzindo alucinações de semelhança com os agressores para suportar os desprazeres e fragilidades do aparelho psíquico submetido às relações abusivas.

⁹ Identificação na qualidade de conceito psicanalítico, pensando as capturas inconscientes dos objetos externos que formam o Eu e singularizam os sujeitos.

A partir disso, escuta-se as características de Tony Júnior e dos brasileiros aliados aos estrangeiros de forma semelhante às teorizações de Ferenczi (1992). A identificação com alguém representado psiquicamente como superior repara feridas narcísicas e produz relações hierárquicas. Retomando as ideias de Freud (1915/2010b), é um retorno do recalcado que transmuta os desprazeres da colonização em afeto e identificação. Conseqüentemente, identificar-se com esse outro, supostamente perfeito, também acarreta ganhos financeiros e representatividades sociais; logo se matam aqueles que fazem ver e lembrar as narrativas negadas ao longo da história brasileira.

A escuta de *Bacurau* desvela “o processo produtor de formas de subjetivar calcados em referenciais identitários e configurações subjetivas restritas e pré-determinadas, [...] substratos psíquicos do sistema liberal e do modo de dominação simbólica das elites nacionais” (Souza, 2018, p. 478). Dessa maneira, as representações dos brasileiros associadas a um povo selvagem, violento e inferior foram construídas historicamente no imaginário popular, produzindo subjetividades fundadas em narrativas dominantes e depreciativas.

A naturalização da violência como inerente à civilização brasileira deturpa as potências de subjetivação promovidas pela diversidade da cultura. As cenas projetadas pelo trabalho audiovisual de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles produzem sensações e percepções, desdobrando as naturalizações em torno das crueldades sofridas pela sociedade brasileira, seja no cenário macropolítico dos governos federais, estaduais e municipais, seja nos planos micropolíticos de assaltos, assassinatos, abusos, etc. Dessa forma, a quantidade de sangue exposta nas mortes dos personagens comunica essas violências vivenciadas pelos povos brasileiros, especificamente sobre as minorias massacradas desde os primórdios da nossa civilização.

Certos discursos brancos, patriarcais, heteronormativos e europeus/estadunidenses impossibilitam o sujeito de se reconhecer entre as multiplicidades da diferença (Rolnik, 2019). Um ideal calcado em narrativas coloniais cobra características perfeitas, superiores às pequenas diferenças de pessoas consideradas não legítimas. Como alguém supremacista pode se identificar com o que considera lixo? Os atos de opressão são pautados, então, em processos psíquicos e sociais próprios da História brasileira e seu sucateamento, sua desvalorização promovida muitas vezes pelos próprios brasileiros, culminando na perpetuação das problemáticas sociais.

Seguindo essa lógica, somente no momento em que reconhecemos a alteridade e o disruptivo que nos habitam seremos capazes de reconhecer os outros. Os habitantes de *Bacurau* se reconhecem para dar conta desse estrangeiro tão violento porque construíram espaços onde eles podem escutar as próprias agressividades, os próprios limites singulares e coletivos que produzem aquele coletivo. Essa gente, esses brasileiros, jogaram capoeira antes da batalha prevista; apoiaram-se nos traços gastronômicos, musicais e históricos para criar táticas de defesa contra a violência opressiva; valorizaram aquilo que se tornou socialmente lixo para os apoiadores da organização internacional; superaram os conflitos presentes entre seus próprios membros. A perlaboração das histórias regionais permitiu a continuidade da existência de *Bacurau*, sua vitória contra o ódio e a segregação, contra as perversões e violências desnecessárias dessa tentativa de repetição de uma História de colonização.

Considerações Finais

A teoria freudiana, com relação à constituição do psiquismo ante as expressões da cultura, aponta que as manifestações de agressividade são inerentes à condição humana e que a vida compartilhada com os outros exige renúncias e negociações pulsionais, conforme as demandas do social. Desse ponto de vista, ressalta-se que não é possível eliminar por completo o mal-estar provocado pelas civilizações, uma vez que todos têm arranjos singulares capturados dos elementos compartilhados pelo coletivo. As marcas deixadas no psiquismo de uma criança promovem caminhos para sua subjetivação nas mais variadas vicissitudes e, dessa forma, entende-se que a cultura é repleta de diferenças, não sendo uma estrutura homogênea, mesmo que imponha morais normativas.

Souza (2018), bem como *Bacurau* (2019), ilustram o Brasil, um país marcado historicamente pela diversidade de povos e culturas, que apresenta uma elitização e resquícios das destruições impostas pela colonização. A arte cinematográfica, audiovisual, desvela em seus deslocamentos, suas condensações e figurabilidades os conteúdos naturalizados pela vida cotidiana, as estratégias de disciplina e controle que subjetivam os brasileiros. Os discursos que legitimam problemáticas sociais encaradas por grande parcela da população, seja por preconceito, discriminação, políticas de mortificação, seja por indiferença, pautam-se em repetições históricas que ainda sustentam violências extremas, macro e micro, justificando-se na ideia de um país ideal, uma verdade universal branca, cristã, heteronormativa e europeia/estadunidense que abafa as múltiplas possibilidades regionais de existência.

As expressões plurais das subjetividades, as diferenças produzidas pelo anarquismo das pulsões e seu confronto com os discursos normativos produzem, nesse sentido, diferentes progressões e defesas nas sociedades contemporâneas. Os investimentos culturais – gastronomias, músicas, artes visuais – promovem o acolhimento das pequenas diferenças e identificação entre os sujeitos que compartilham espaços, histórias e sofrimentos. Entretanto a tentativa de reparar as feridas narcísicas provocadas pelas estranhezas e não familiaridades, o engessamento das pulsões, produz destruições sem sentido aparente especificamente por não ter uma representação psíquica perlaborada, justificando-se em puros racionalismos e conservadorismos para padronizar os corpos, negar as diferenças e mortificar supostas ameaças psíquicas.

Já vivemos na e pela diferença. Este artigo, pautado numa estratégia de produção de conhecimento, buscou justamente contribuir com outros olhares para as subjetividades, apropriando-se das potências clínicas, políticas e sociais da Psicanálise para tecer suas considerações. Apesar dos desafios impostos à população de *Bacurau*, nessa história repleta de cenas emocionantes, constata-se a capacidade humana de inventar mundos de paz e guerra. Da mesma maneira que *Bacurau* foi tencionado a criar táticas de existência-resistência, somos convocados a pensar como esse filme, escutado e observado pelo referencial psicanalítico, nos provoca a pensar os ataques políticos, as violências extremas às quais somos expostos cotidianamente. Por fim, salienta-se que os olhares para a cultura podem transformar não só questões do plano consciente, racional, mas também aquilo que nos é mais íntimo, estranho e inconsciente.

Referências

- Almeida, C. H. (2019, 16 ago.). Bacurau: 1ª exibição pública no Brasil é marcada por protestos dos diretores. UOL. Recuperado em 15/06/2020 em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/08/16/bacurau-1-sessao-publica-do-filme-tem-diretor-criticando-censura.htm>>
- Arendt, H. (1999). *Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal* (J. R. Siqueira, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Birman, J. (2016). A leitura freudiana da política. *Psicologia Clínica*, 28(2), 55-68.
- Broide, J. (2010). *Psicanálise nas situações sociais críticas: Violência, juventude e periferia em uma abordagem grupal*. Curitiba: Juruá.
- Butler, J. (2017). *Caminhos divergentes: Judaicidade e crítica do sionismo*. São Paulo: Boitempo.
- Costa, J. F. (1986). *Violência e Psicanálise* (2a Ed.). Rio de Janeiro: Graal.
- Danto, E. A. (2019). *As clínicas públicas de Freud: Psicanálise e justiça social*. São Paulo: Perspectiva.
- Fanon, F. (1968). *Os condenados da terra* (S. Ferreira, Trad.). Lisboa: Ulisseia. (Obra original publicada em 1961).
- Ferenczi, S. (1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança: A linguagem da ternura e da paixão. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV* (A. Cabral, Trad., pp. 97-106). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1933).
- Fernandes, A. H. (2015). O mal-estar na civilização: Sua articulação com a linguagem e a literatura. *Revista Epos*, 6(2), 179-199. Recuperado em 07/08/2024 em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epos/v6n2/10.pdf>>.
- Mendonça Filho, K. (Diretor). (2012). *O som ao redor* [Filme]. Vitrine Filmes.
- Mendonça Filho, K. (Diretor). (2016). *Aquarius* [Filme]. Vitrine Filmes.
- Mendonça Filho, K., & Dornelles, J. (Diretores). (2019). *Bacurau* [Filme]. Vitrine Filmes.
- Freud, S. (2010a). Os instintos e seus destinos. In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 12, pp. 38-60). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (2010b). Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In S. Freud, *Obras Completas: Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos* (P. C. Souza, Trad., Vol. 12, pp. 156-184). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (2010). O inquietante. In S. Freud, *Obras Completas: História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos")*, *Além do princípio do prazer e outros textos* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 328-376). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1919).
- Freud, S. (2010). Por que a guerra?. In S. Freud, *Obras Completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 417-435). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1932).
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do Eu. In S. Freud, *Obras Completas: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos* (P. C. Souza, Vol. 15, pp. 9-100). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1921).

Eccher, P. V.; Angeli, G. & Machado, G. da S.

- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. In S. Freud, *Obras Completas: O Eu e o ID, “Autobiografia” e outros textos* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16, pp. 9-64). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923).
- Freud, S. (2012). Totem e Tabu. In S. Freud, *Obras Completas: Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* (P. C. Souza, Trad., Vol. 11, pp. 07-176). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1913).
- Freud, S. (2015). A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno. In S. Freud, *Obras Completas: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos* (P. C. Souza, Trad., Vol. 8, pp. 203-219). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1908).
- Freud, S. (2016). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras Completas: O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1930).
- Freud, S. (2018). Moisés e o monoteísmo. In S. Freud, *Obras Completas: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos* (P. C. Souza, Trad., Vol. 19, pp. 13-188). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1939).
- Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2020). *Atlas da Violência 2020*. Brasília: Ipea. Recuperado em 13/09/2020 em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>>
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise* (E. Brandão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Martinez, V. C. V. (2003). *A figura do herói mitológico: Entre a falta e o excesso – Por uma ruptura de campo em três tempos; a criança e a atividade lúdica, o herói mitológico e o homem psicanalítico*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Mezan, R. (2002). Psicanálise e pós-graduação: notas, exemplos e reflexões. In R. Mezan, *Interfaces da Psicanálise* (pp. 395-435). São Paulo: Companhia das Letras.
- Rolnik, S. (2003). O caso da vítima: Para além da cafetinagem da criação e de sua separação da resistência. *ARS*, 1(2), 79-87. Recuperado em 05/11/2020 em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-53202003000200007>>
- Rolnik, S. (2018). Esferas da insurreição: Sugestões para o combate à cafetinagem da vida. *Poliética: Revista de Ética e Filosofia Política*, 5(1), 171-192. Recuperado em 08/06/2020 em: <<https://revistas.pucsp.br/polietica/article/view/36362>>
- Rolnik, S. (2019). *Esferas da insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 Edições.
- Rosa, M. D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta.
- Sperb, P. (2019, 17 ago.). ‘Bacurau’ estreia em Gramado sob aplausos e gritos contra a censura. *Folha de São Paulo*. Recuperado em 15/06/2020 em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/08/bacurau-estreia-em-gramado-sob-aplausos-e-gritos-contra-a-censura.shtml>>

Eccher, P. V.; Angeli, G. & Machado, G. da S.

- Souza, M. (2018). Cenas brasileiras, violências, subjetividades. *Esboços: Histórias em Contextos Globais*, 25(40), 468-480. Recuperado em 09/06/2020 em: <<http://dx.doi.org/10.5007/2175-7976.2018v25n40p468>>
- Tavares, L. A. T., & Hashimoto, F. (2013). A pesquisa teórica em psicanálise: Das suas condições e possibilidades. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 166-178. Recuperado em 08/08/2024 em: <<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/00a51923-6797-460d-98e8-c5962fbd18e9/content>>

**Psychoanalysis, the Drive and the Collectivity:
Listening to Brazilian History Projected by *Bacurau***

Abstract

This article aims to materialize research in extramural psychoanalysis on the cinematographic work *Bacurau* (2019). This film was heard as a clinical case, considering it a potent artistic production capable of interpretations based on the concepts of clinical, political, and social Psychoanalysis. From that point on, the messages transmitted by *Bacurau's* story unfolded to promote theoretical dialogues about the possibilities of life in the collective, the violent elements inherent in the colonization processes in Brazil, and respect for otherness. Transfers by authors with this artistic expression mobilized other and new meanings on the themes explored. For this reason, it articulates how to listen to *Bacurau* and its parallels with Brazilian History can produce socially significant knowledge for the invention of worlds founded on respect.

Keywords: Psychoanalysis. Movie theater. Drive. Collectivity. Difference.

**Psicoanálisis, pulsión y colectividad: Escuchando la historia
brasileña proyectada por *Bacurau***

Resumen

Este artículo pretende materializar una investigación en psicoanálisis extramuros sobre la obra cinematográfica *Bacurau* (2019). Escuchamos esta película como un caso clínico, considerándola como una poderosa producción artística sujeta a interpretaciones basadas en los conceptos de un Psicoanálisis clínico, político y social. A partir de eso, se previó desplegar los mensajes transmitidos por la trama de *Bacurau* para promover diálogos teóricos sobre las posibilidades de la vida en colectividad, los elementos violentos inherentes a los procesos de colonización en Brasil y el respeto a la alteridad. Las transferencias de los autores con esta expresión artística movilizaron otros y nuevos sentidos sobre los temas explorados. Por lo tanto, articulamos cómo la escucha de *Bacurau* y sus paralelos con la Historia brasileña pueden producir un conocimiento socialmente significativo para la invención de mundos fundados en el respeto a las diferencias.

Palabras clave: Psicoanálisis. Cine. Pulsión. Comunidad. Diferencia.

**Psicanalyse, pulsion et collectivité:
À l'écoute de l'histoire brésilienne projetée par Bacurau**

Résumé

Cet article vise à matérialiser une recherche en psychanalyse extra-muros à propos de l'œuvre cinématographique *Bacurau* (2019). Nous avons écouté ce film comme un cas clinique, en le considérant comme une puissante production artistique sujette à des interprétations basées sur les concepts d'une Psychanalyse clinique, politique et sociale. A partir de là, il a été envisagé de déployer les messages transmis par l'intrigue de *Bacurau* pour promouvoir des dialogues théoriques sur les possibilités de vie en collectivité, les éléments violents inhérents aux processus de colonisation au Brésil et le respect de l'altérité. Les transferts des auteurs avec cette expression artistique ont mobilisé des sens autres et nouveaux sur les thèmes explorés. Par conséquent, nous expliquons comment l'écoute de *Bacurau* et ses parallèles avec l'Histoire du Brésil peuvent produire des connaissances socialement significatives pour l'invention de mondes fondés sur le respect des différences.

Mots-clés: Psychanalyse. Cinema. Pulsion. Collectivite. Difference.

Recebido em: 23/1/2024

Aceito em: 8/5/2024